



Numa pausa dos debates no FMI, Funaro conversa com o ministro Sourrouille

Americano pede que Funaro saia

Washington (do Correspondente) — Ao entrar na manhã de ontem no edifício do Fundo Monetário Internacional, o ministro da Fazenda brasileiro foi imediatamente cercado por um número significativo de repórteres. Eles estavam interessados na reação de Dilson Funaro aos pedidos feitos tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil para que ele fosse substituído.

— Neste momento estou discutindo uma coisa muito mais séria que é o financiamento externo. Agora e aqui tenho que dedicar-me totalmente a esse mundo. Essa questão em que os senhores estão interessados é secundária. Vou cuidar dela quando voltar ao meu país — disse o ministro.

Duas figuras importantes haviam sugerido a substituição de Funaro na noite anterior. O primeiro deles, o governador paulista Orestes Quêrcia e o segundo, o americano David Mulford, secretário-assistente do Tesouro para Assuntos Internacionais. Quêrcia pediu a cabeça do ministro numa entrevista à televisão. Mulford falara a um grupo de repórteres americanos na noite de quarta-feira, depois de impor uma condição costumeira — a de que seu nome fosse revelado. Jornalistas freqüentemente aceitam essa condição a fim de conseguirem informações francas a respeito do que realmente está acontecendo, muito mais reveladoras do que as fórmulas obscuras usadas pe-

los burocratas governamentais em seus discursos públicos.

Segundo relato do Wall Street Journal, o "alto funcionário do governo dos EUA" teria dito que os credores estão fazendo um jogo para ganhar tempo em relação ao Brasil: "Ou mudará a política, com eles adotando uma política econômica ortodoxa, ou haverá uma mudança do ministro seguida por uma adoção de um plano econômico ortodoxo". Mulford teria acrescentado que os bancos estão numa posição muito mais forte atualmente, podendo até agüentar um cancelamento de seus empréstimos para o Brasil. "Os bancos podem agüentar o baque; por causa disso podemos mostrar paciência de Jó", afirmou ainda.

Perguntado a respeito, o secretário de imprensa do ministro, Marco Antônio Brandão, disse que "ele falou com o presidente na quarta-feira de tarde e, novamente, hoje de manhã. Eles estão em sintonia". Com isso Brandão dava a entender que enquanto gozar da confiança do presidente, o ministro da Fazenda continuará no cargo e persistirá em sua difícil missão de convencer governos, bancos e empresas estrangeiras a enviar fluxos substanciais de capital para o país. "Estamos inovando numa série de áreas, é compreensível que surjam resistências. Mas elas não vão impedir que façamos nosso trabalho", comentou.

O nível de apoio interno à política econômica e ao próprio ministro

da Fazenda é, contudo, essencial para o sucesso desse esforço. Se tiverem a impressão de que essa política, o ministro, ou tanto a política e o ministro vão mudar, seus interlocutores não terão estímulo para adequar-se aos requisitos que ambos estão fazendo da comunidade financeira internacional.

Entre os especialistas estrangeiros em assuntos brasileiros, tanto dos bancos quanto do governo americano e dos organismos internacionais sediados em Washington, as opiniões sobre as possibilidades de sobrevivência política do ministro da Fazenda estão divididas. "Quando há dúvidas a respeito, a tendência normal é esperar que elas se esclareçam. Por que fazer concessões a uma equipe que pode cair amanhã? Mesmo que os novos ministros tenham quase os mesmos pontos-de-vista, é sempre bom negociar com eles porque terão condições de dar algo em troca", explica um experiente diplomata americano.

Entre esses especialistas circulam rumores de que Funaro tem fortes inimigos não só no governo paulista mas também no próprio Palácio do Planalto. "Outro dia o porta-voz do presidente disse que o ministro não dura até maio", disse um deles, acrescentando que "o Sarney é muito prático. Se as pressões aumentarem ele vai mudar todo o Ministério e aí é possível que uma nova equipe seja mais flexível em relação aos credores".